

A preocupação mundial com a falta de água

por Bronwen Maddox
do Financial Times

A água, assim como a energia nos anos 70, vai se tornar, provavelmente, o problema de recurso natural mais crítico que a maioria das áreas do mundo terá que enfrentar por volta do começo do próximo século.

Essa simples e perturbadora previsão, baseada na expansão populacional e na poluição crescente, foi feita pelo Programa Ambiental da ONU (UNEP). Faz parte do levantamento sobre o meio ambiente mundial, divulgado no ano passado.

A UNEP não está sozinha ao advertir que os recursos hídricos, que tendem a ser tidos como garantidos, estão em processo de esgotamento. Um recente relatório para a Comissão Européia mostrou que o crescimento europeu poderia ser limitado pela falta de água fresca causada pela contaminação industrial e agrícola.

Mas Tom Garvey, diretor-geral adjunto do corpo de diretores da Comissão, em Bruxelas, falando no seminário europeu sobre água do Financial Times, há quinze dias, ressaltou que a Comissão estava também cada vez mais consciente do alto custo para tornar as normas de qualidade da água mais rigorosas.

Como todas essas afirmações deixam claro, as pressões econômicas e políticas que acompanham a crescente demanda por água são o foco da crescente atenção mundial.

A UNEP não se engana ao chamar a atenção para a escassez de água fresca. A proporção de água fresca, e não salgada, do planeta é insignificante: apenas cerca de 2,6%. Tampouco é fácil de obter: mais de 99% está sob forma de gelo ou de neve nos pólos ou é subterrânea, e quase metade do restante está encerrada nos organismos vivos, no solo e no vapor d'água at-

mosférico. O restante está nos rios e lagos, mas precariamente distribuído pela superfície terrestre — o lago Baikal, na Sibéria, com uma área aproximadamente igual à da Bélgica, responde por um quinto.

Em contrapartida, a demanda por água fresca está aumentando, estimulada principalmente pelo crescimento populacional nos países em desenvolvimento e pela disseminação da agricultura. Segundo a UNEP, o emprego mundial de água fresca aumentou quase quatro vezes nos últimos cinquenta anos, chegando a 4.130 quilômetros cúbicos anuais.

A agricultura absorve mais de dois terços desse total — a área das terras

A pressão pela oferta de água começa a reter o desenvolvimento

agrícolas irrigadas aumentou em mais de um terço nas últimas duas décadas. O crescimento da demanda asiática foi o mais rápido, e até o ano 2000 a UNEP prevê que a Ásia usará quase dois terços da água mundial. Atualmente, a Ásia emprega pouco mais que a metade da água.

O aumento da poluição em muitos países está agravando ainda mais a escassez. Um programa mundial de monitoramento, patrocinado pela UNEP e pela Organização Mundial de Saúde, entre outros órgãos da ONU, sugere que não menos do que 10% de todos os rios avaliados estão poluídos.

Um dos maiores problemas tanto nos países industrializados quanto nos países em desenvolvimento é a contaminação por produtos químicos agrícolas. Os nutrientes nitrogênio e fósfo-

ro levam à proliferação de algas — fenômeno que recentemente desfigurou o litoral de Veneza e o Báltico —, que matam a vida do meio fluvial ao retirar o oxigênio da água. Os pesticidas organoclorados também são uma preocupação, uma vez que se acumulam na cadeia alimentar. Os órgãos da ONU relatam que os rios de alguns países em desenvolvimento, como a Colômbia, a Malásia e a Tanzânia, exibem níveis de organoclorados mais altos do que os rios europeus.

A irrigação mal-administrada também pode levar à salinização e à degradação dos solos agrícolas. Além disso, a irrigação continua notoriamente de baixo rendimento, com cerca de metade da água perdida por infiltração ou evaporação antes de chegar aos campos.

Os países industrializados têm ainda os problemas dos altos níveis de metais pesados tóxicos, como o mercúrio — os rios Reno e Mosa são tidos como sendo os dois mais poluídos da Europa.

Embora os signatários dos tratados do ano passado sobre poluição e despejos marinhos tenham se dividido quanto à capacidade das águas do alto-mar de absorver a poluição, há maior concordância em torno do fato de que a água fresca do mundo não pode diluir apropriadamente esses níveis de poluição e que o controle da poluição é necessário para atender a futura demanda por água.

Os debates, porém, não impediram que alguns padrões melhorassem. Durante os anos 80, o número de pessoas sem água limpa recuou de 1,8 bilhão para 1,3 bilhão, em relação à população total de cerca de 5 bilhões de pessoas. Dois terços das pessoas que moram nas cidades têm atualmente acesso à rede de saneamento, comparados com 56% em 1980.

Um grande programa mundial de construção de represas ajudou a aumentar o abastecimento: os rios e lagos do mundo atualmente alimentam 36 mil grandes represas, metade delas localizada na China, comparados com apenas pouco mais de 5.200 represas quarenta anos atrás, das quais oito se situavam na China. No entanto, o grande crescimento populacional reteve o aprimoramento na África Subsaariana, enquanto as condições em partes da América Latina, onde pequenas parcelas dos dejetos urbanos são tratadas, também são críticas.

O controle da poluição nos países industrializados também mostrou algum sucesso: o Reno e o Mosa assistiram à queda das concentrações de chumbo, zinco, arsênico, cobre e mercúrio nos últimos dez anos.

No entanto, Garvey disse que “apesar dos esforços despendidos durante as últimas duas décadas, é decepcionante que o estado do ambiente aquático da comunidade européia não tenha melhorado na extensão prevista”.

Há sinais em algumas regiões de que a pressão pela oferta de água fresca está começando a reter o desenvolvimento. A ONU, que estima que o emprego da água está crescendo atualmente em menos de 1% anual, comparado com 2,3% em meados dos anos 70, atribui o recuo à escassez de água apropriada para a irrigação e também à recessão.

Está ficando claro que o custo de depoluir e de evitar a escassez é muito mais alto do que sugeriram algumas estimativas iniciais elaboradas décadas atrás. O setor de distribuição de água britânico embarcou num programa de uma década de extensão de aprimoramentos que poderão acabar custando mais do que 45 bilhões de libras esterlinas a preços de 1990.

Cerca de metade desse valor destina-se a cumprir diretrizes ambientais da Comunidade Européia; as companhias de água e os ministros de toda a Europa agora se perguntam se algumas dessas normas não são desnecessariamente exigentes demais.

A diretoria ambiental da Comissão disse no último dia 15 que revisaria quase todas as suas diretrizes sobre a água neste ano, em resposta à acusação de que algumas foram fixadas mais por entusiasmo ambiental do que por motivos científicos.

No entanto, mesmo a extensiva construção de represas e o controle da poluição — se houver condições financeiras para pro-

O aumento da poluição agrava ainda mais a escassez

movê-los — não vão resolver todos os problemas de recursos naturais. Muitas regiões adotam políticas hídricas de baixo rendimento, ou que se pode mostrar difíceis de sustentar — como as exportações de Israel de frutas cítricas, ou o cultivo de arroz no sul da Califórnia —, puramente por razões sociais ou econômicas como arrecadar moeda forte, preservar um setor tradicional ou evitar a migração do campo para a cidade.

Em outras regiões, as tensões políticas em torno do controle das fontes de abastecimento de água, tendem a crescer, mesmo se forem encontradas maneiras de aumentar o abastecimento. Quase metade das terras agrícolas do mundo são alimentadas por bacias de água que atravessam as fronteiras nacionais, e bem mais de

200 países compartilham importantes rios e lagos.

Natasha Beschoner, num folheto esclarecedor lançado no ano passado e intitulado “A Água e a Instabilidade no Oriente Médio”, redigido para o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, comenta: “A água é uma útil lembrança da interdependência”. Ela acrescenta: “Israel, Turquia e Egito... têm poucos estímulos para ceder o que eles consideram como um patrimônio estratégico, qual seja, o uso prioritário da água”, embora ela argumente que os recursos hídricos, envolvidos pelos outros problemas políticos da região, podem estar sendo superestimados como fonte de tensão.

Muitos também previram instabilidade política futura nas repúblicas da Ásia Central da ex-União Soviética. Cinco países: o Uzbequistão, o Tadjiquistão, o Turkmênistão, o Cazaquistão e a Quirquístia, compartilham dois rios, o Amu Darya e o Syr Darya, e o mar de Aral, que já foi a quarta maior porção interna de água da Terra. O mar perdeu quase dois terços de seu volume nas últimas três décadas, na medida em que os rios que o alimentam são drenados para o cultivo do algodão, que é vendido no exterior para captar divisas.

Beschoner tem razão ao dizer que profecias quanto à crise desencadeada pela escassez de água são feitas fácil e freqüentemente demais.

No entanto, a complexidade dos problemas que afligem tanto o mundo desenvolvido quanto o em desenvolvimento, sustenta a convicção da UNEP de que a questão de onde provirá a água limpa a partir de agora — e quanto ela custará — vai continuar encabeçando a agenda internacional.